

## O ethos de um guerreiro: saúde e masculinidade no testemunho de Reynaldo Gianecchini sobre o câncer<sup>1</sup>

Roberto Abib<sup>2</sup>

Igor Sacramento<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz

### Resumo

A partir de reconfigurações na produção da subjetividade pela circulação do *ethos terapêutico* na contemporaneidade, este trabalho analisa a enunciação da entrevista do ator Reynaldo Gianecchini ao programa *Fantástico*, da *TV Globo*, considerando não apenas o *conteúdo textual*, mas a *forma enunciativa* de um testemunho intimista atravessado pelas ideias da superação e de responsabilização de si na retomada da autonomia (da vida) diante da experiência de um processo de tratamento de câncer. O artigo propõe que a enunciação midiática expressa no relato da experiência do câncer pelo ator mobiliza novos sentidos de saúde e masculinidade.

**Palavras-chave:** testemunho; masculinidade; televisão; mídia; saúde.

### 1 Introdução

Em abril de 2018, o ator Dwayne Johnson, mais conhecido como “The Rock”, cujos personagens dos filmes hollywoodianos em que atua, geralmente, são homens fortes e corajosos, revelou publicamente em entrevista a um jornal britânico as lutas que trava contra a depressão desde a adolescência, quando presenciou tentativas de suicídio da mãe.

No Brasil, o programa *Fantástico*, da Rede Globo, apresenta com bastante frequência quadros nos quais há a narração por meio da mediação da fala do entrevistado pela interlocução com o entrevistador na constituição de narrações biográficas sobre experiências pessoais do câncer, tornadas públicas por meio da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista do Ministério da Saúde e mestrando em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. E-mail: comunicacaoabib@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ, pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces/Icict/Fiocruz) e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM/ECO/UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Icict/Fiocruz). E-mail: [igorsacramento@gmail.com](mailto:igorsacramento@gmail.com).

exposição midiática. É o caso do ator Reynaldo Gianecchini, que teve um câncer linfático e concedeu uma entrevista em 18 de novembro de 2011 ao programa, o qual a exibiu com a chamada “Fantástico entrevista o ator Reynaldo Gianecchini: Eu quero a vida”, material de análise deste trabalho. Partimos do pressuposto de que os testemunhos e os relatos das experiências pessoais se caracterizam como mais críveis e necessários na contemporaneidade em detrimento de conhecimento originado por dados ou fatos considerados objetivos. Afinal, vivemos um momento compreendido como passando por uma *guinada subjetiva* (SARLO, 2007). Além disso, no contemporâneo, entendemos que a produção da subjetividade passa por ideais de superação, daí a sensação de um aumento na mídia de relatos de experiências de doenças e transtornos, mas também de infortúnios da vida (separação, acidentes, violências, desemprego), acompanhados com esses ideais, de que é preciso vencer esse momento ruim por meio da capacidade individual de autogestão das emoções e de autoaprimoramento. Para Sacramento (2015), esta narrativa que constituiu o processo de produção de subjetividade na contemporaneidade se caracteriza pelo *ethos terapêutico*.

O *ethos terapêutico* realça esta necessidade de autorrealização no mundo, pois é “caracterizado por uma preocupação excessiva com a saúde, psíquica e física” (SACRAMENTO, 2015, p.111). Para o autor, o *ethos terapêutico* se apresenta como um dispositivo da cultura que exige dos indivíduos alcançarem formas de bem-estar e felicidade plenas como partes de um processo de autorrealização. Nesse sentido, por exemplo, o relato da experiência com a doença se desloca de uma concepção de doença como um enfraquecimento do indivíduo e passa a se configurar como um ponto zero no qual o sujeito é convocado a rever seus hábitos e seu estilo de vida, encarando a doença como uma oportunidade para o autoconhecimento e para o autoaprimoramento, e também como algo a ser superado para a conquista da felicidade plena.

Compreendemos que a linguagem terapêutica não se dá a partir dos meios de comunicação, pois ela circula no tecido social e uma de suas expressões se dá nos relatos midiáticos. Tal entendimento vai ao encontro dos pressupostos de Nick Couldry (2004), que compreende o estudo da mídia para além da análise textual das mensagens, da audiência e do consumo, mas como uma prática que constituiu outras práticas sociais. Segundo ele, “os meios de comunicação representam outras práticas, as quais, portanto, sofrem consequências diretas da mídia nas suas maneiras de se ordenar e definir” (COULDRY, 2004, p. 123). Couldry (2004) discorre que a cultura das

---

celebridades é um dos exemplos da presença fluída da mídia na vida cotidiana por conta da identificação pelo público com o modo de ser do seu ídolo. Dessa forma, os testemunhos das celebridades são um dos muitos exemplos do *ethos terapêutico* contemporâneo. Uma de suas implicações está na própria relação entre celebridades e públicos. Há um processo de identificação – e mais do que isso, em muitas vezes a formação de uma “comunidade de sofrimento” (ILLOUZ, 2011) – diante do sofrimento dos célebres. Essa identificação pelas experiências e narrativas de sofrimento, mas também de superação, demonstram o quanto que o *ethos* característico de nossa sociedade é o terapêutico (SACRAMENTO e RAMOS, 2018).<sup>4</sup>

No âmbito da saúde do homem, a prevenção e o cuidado de si não são valorizados como questão masculina na perspectiva dos serviços de saúde. No entanto, entendemos que as narrativas terapêuticas contemporâneas fundamentadas numa concepção de saúde baseada no estilo de vida e a boa forma amplificam a voz masculina no relato do enfrentamento e superação da doença na mídia.

Após testemunhar sobre o enfrentamento da depressão, nas redes sociais, The Rock deu conselhos a outros homens que enfrentam a doença, declarando que demorou muito tempo para se abrir, dizendo que os homens têm a tendência de guardar tudo. Aconselha ao público masculino: “vocês não estão sozinhos”.

---

<sup>4</sup> A noção de *ethos* é usada em diferentes acepções. A etimologia de *ethos*, do grego, significa a casa, a morada, o habitar, mas também costumes, crenças e hábitos. Desse modo, considerar o *ethos* como uma casa, como uma habitação, é considerar o modo humano de habitar o mundo numa determinada época, isto é, traz à consideração os códigos, valores, ideais, posturas, condutas para consigo mesmo e para com os outros algo equivalente à moradia. Na sua reflexão sobre ética, Michel Foucault reconhece o *ethos* como espaço de instituição de uma troca regulada de afetos e obrigações entre os indivíduos: “não há outro fim nem outro termo além do propósito de estabelecer-se junto a si, ‘residir em si mesmo’, fazer aí sua morada” (FOUCAULT, 2003, p.256). O *ethos*, nesse sentido, é a morada do ser: uma condição criada para que o indivíduo em seu processo de constituição como sujeito possa desenvolver, pelo exercício e pelo hábito, relações estabelecidas consigo e com os outros baseadas em saberes, valores, crenças e jogos de poder e verdade. A outra acepção de *ethos* diz respeito à tradição retórica, apropriada pela análise de discursos contemporânea, entendendo, por um lado, a “imagem de si no discurso” (AMOSSY, 2011), e, por outro, mais amplamente como o processo de construção do caráter do enunciador (de sua confiança) numa determinada situação comunicativa em conexão com as outras interações comunicativas e com os valores morais de uma época (PINTO, 2009).

## 2 A linguagem terapêutica: sabedoria e controle sobre si

O conhecimento do homem clássico se dava pelas similitudes e pelas representações que se reproduziam e se repetiam. O estudo humano estava atrelado a um saber metafísico, algo dado e natural. Na modernidade, quando a análise se desloca da representação para a finitude do homem - tornando possível até mesmo o conhecimento de doenças a partir do corpo sem vida, é que o pensamento passa a ter condições de possibilidade em que o sujeito moderno mobiliza sua existência e historiciza as palavras e as coisas, o espaço e o tempo.

Todo pensamento moderno é atravessado pela lei de pensar o impensado – de refletir, na forma do Para-si, os conteúdos do Em-si, de desalienar o homem reconciliando-o com sua própria essência, de explicitar o horizonte que dá às experiências seu pano de fundo de evidência imediata e desarmada, de levantar o véu do Inconsciente, de absorver-se no seu silêncio ou de por-se à escuta de seu murmúrio indefinido. (FOUCAULT, 1995, p. 451).

No início da entrevista com o ator pode-se destacar essa compreensão da morte (finitude) como a possibilidade de pensar sobre a vida. Gianecchini relata esse estado como uma fase de entendimento ao estar diante da doença, considerando-a como uma proximidade da morte; e a morte concretizada do pai, que faleceu por conta de um câncer:

*Gianecchini:* Tem sido um processo de muito entendimento desde que eu recebi a notícia da minha doença e todos os acontecimentos depois. O fato de eu ter um pai também com essa doença, que já estava antes de eu saber da minha. Então assim, quando você se depara com a questão da morte e ela tão próxima, você começa a analisar o que você tem de concreto, que é o presente. Vem pensamento daquele presente. Meu pai acabou falecendo.

Nesse sentido, compreendemos que a experiência moderna no qual o homem em sua finitude se depara com os limites da existência - mas que também é capaz de transformá-la - na contemporaneidade, se reconfigura nos testemunhos sobre a experiência da doença, compreendida como um momento zero em que a autonomia sobre a vida é abalada e que, portanto, é preciso retomá-la. Esta é uma das manifestações que Illouz (2011) define como a narrativa terapêutica, caracterizada por relatos que abrandam ou enfatizam determinadas situações vividas para que sejam parte de um testemunho público de superação dos problemas e de recuperação da saúde e do bem-estar por meio de um gerenciamento eficaz de si.

---

O *ethos terapêutico* contemporâneo transforma os sentimentos em objetos públicos, a serem expostos, disputados e debatidos. Assim, o sujeito passa a participar da esfera pública por meio da interpretação e da exposição de sofrimentos íntimos com a intenção de demonstrar aquilo que impede a felicidade, sobretudo a possibilidade de efetivar processos de autorrealização, e o modo como foi possível superar os obstáculos. Enquanto a felicidade ou a superação é característica de um sujeito ativo e pleno de capacidade de autogestão, o discurso terapêutico na cultura contemporânea produz sujeitos que se sentem em diversas experiências da vida cotidiana (casamento, separação, escola, trabalho, reunião familiar) vulneráveis, frágeis ou em riscos de perderem a si mesmos diante de um mundo repleto de adversidades e tormentas (FUREDI, 2004).

A ideia de um vencedor da doença aparece no texto de apresentação (na cabeça) da entrevista, em que o apresentador Zeca Camargo em *voz off* anuncia: “ O Fantástico está no ar com o depoimento de um guerreiro”. Na sequência, é incluída a fala e a imagem da entrevista em que Gianecchini expressou isso: “um guerreiro mesmo”. Ou seja, já de início o espectador é interpelado a conhecer a história de uma celebridade que irá relatar uma experiência de superação, no caso um câncer vencido. Esta fala editada na chamada do conteúdo, é o momento da entrevista em que a apresentadora e o ator comentam sobre como foi a escolha de raspar a cabeça antes dos cabelos começarem a cair devido às sessões de quimioterapia. Gianecchini relembra a novela *Laços de Família*, de Manuel Carlos, na qual interpretava o marido da personagem Camila (Carolina Dieckmann). Na cena, Camila, que enfrentava a leucemia, via aos prantos seus cabelos sendo raspados diante do espelho (câmera). O ator relata: “É muito maluco eu estar vivendo isso no dia, da pessoa raspando minha cabeça. Eu só pensava nisso. Olha, na ficção eu estava chorando muito. Na minha vida real, eu me achei cara de um guerreiro. Parecia um guerreiro mesmo”. Ao fazer essa comparação com a ficção, o ator autentifica a superação da doença e a sua identidade de guerreiro no âmbito da realidade, da verdade.

Nos últimos minutos da entrevista, a apresentadora informa que o ator terá que fazer um autotransplante, que é explicado por meio de imagem gráfica e com *sua voz em off*. Após a explicação, volta-se a imagem na entrevista. Patrícia Poeta quer saber como ele está se sentindo para esse novo procedimento:

---

*Patrícia Poeta:* Como é que você está se sentindo para esse momento. Como é que está sua expectativa para esse momento?

*Gianecchini:* Eu me sinto curado desde o primeiro dia, engraçado isso. Eu não jogo com essa possibilidade de perder, embora tudo possa acontecer na vida, mas eu acredito muito na força da vida.

Observa-se que pelo depoimento do ator, o enfrentamento da doença é como se fosse um jogo. Para Ehrenberg (2010), a prática e a linguagem esportiva penetraram em todos os poros da sociedade e representam a forma do governo de si na contemporaneidade. O sujeito de uma sociedade pós-disciplinar<sup>5</sup> passa a ser o empresário de si mesmo, um jogador cuja missão está sempre em superar seus limites. Em todas as esferas da sociedade, o indivíduo é convocado a superar os desafios impostos no cotidiano do trabalho e nos infortúnios da vida. O fim do jogo é a sua felicidade pessoal. Quando a prática esportiva se torna um sistema de condutas de si, ela é compreendida como uma “técnica de fabricação da autonomia, uma aprendizagem do governo de si mesmo que se desenrola tanto na vida privada quanto na vida pública” (EHRENBERG, 2010, p. 20).

No encerramento da conversa, a entrevistadora interroga o ator com uma pergunta cujo sentido denota que o fim do tratamento é uma retomada da autonomia da vida ou um renascimento:

*Patrícia Poeta:* Quando você tiver vencido tudo isso, tiver passado pelo transplante, qual vai ser a primeira coisa que você vai querer fazer?

*Gianecchini:* Nossa, eu não tinha pensado nisso (silêncio). Me veio na minha mente entrar no mar. Eu tenho uma relação louca assim com o mar. É... Eu gosto muito e sinto falta.

### **3 Intimidade em cena: o modo de ser celebridade**

No decorrer da entrevista são inseridas imagens de arquivo da imprensa, com datas do ocorrido, e vídeos amadores como documentos que comprovam e ilustram a reconstituição do tratamento do ator, demonstrando o interesse midiático e do público pelo processo terapêutico de Gianecchini. Ao comentar sobre como foi a primeira internação que durou 26 dias, explicado em *voz off* por Patrícia Poeta, é incluída na edição um vídeo amador com o depoimento dele em frente ao hospital, rodeado de fãs o

---

<sup>5</sup> A partir da reflexão de Michel Foucault sobre a sociedade da disciplina, ou industrial, Gilles Deleuze propõe a formação da sociedade de controle, materializada nas dinâmicas da empresa, que tem como característica promover a concorrência entre os indivíduos, dividindo-os em si mesmo. Ehrenberg denomina de sociedade pós-disciplinar, marcada pela necessidade dos sujeitos buscarem continuamente a superação dos seus limites nas práticas sociais, não somente na esportistas.

ator declara: “Quero dizer que estou muito forte. Que essa minha força vem de grande parte do carinho todo. Desse amor, dos amigos. Das pessoas que tenham me mandado e-mail. Tenho lido todos”. Ao voltar para a conversa, a entrevistadora e o ator discorrem sobre o carinho dos fãs e amigos:

*Gianecchini:* Essas pessoas todas que me escrevem, desde os meus amigos, os mais queridos, até os menos conhecidos e até os totalmente desconhecidos, que eu recebo, que mandam cartas para o hospital, ou descobrem o meu e-mail. Essas pessoas me emocionam demais.

*Patrícia Poeta:* Você imaginava que era tão querido pelos brasileiros?

*Gianecchini:* Não, honestamente não. Foi uma surpresa. E essa parte me emociona. Essa parte que me faz chorar.

Na contemporaneidade, a mídia busca extrair das celebridades a substância humana de identificação pela exposição de detalhes da vida privada, mostrando que eles passam por muitas situações por que todos nós passamos e por outras que não vivemos, mas que lhe dão humanidade pela falibilidade: a dor, a traição, o acidente, o preconceito, a catástrofe, a doença, o vício e a morte.

A cultura contemporânea das celebridades implica práticas e condutas marcadas pela encenação da intimidade com o público (REDMOND, 2006). A construção da subjetividade dos célebres tem se reconfigurado pela linguagem terapêutica. Ela não é mais um herói acabado imbuído da moral e ética divina como sugere (MORIN, 1977) na era dos olímpicos. No contemporâneo, sua vida exemplar e heroica é marcada pela superação dos infortúnios da vida. Este valor é reconhecido e identificado pelo público, e que, portanto, contribui para a subjetivação da celebridade, pois “ao se projetarem na trajetória de vida célebres e se posicionarem em relação a elas, os sujeitos manifestam o desejo de endossar certos valores que consideram importantes em sua própria vida” (FRANÇA e SIMÕES, 2014, p.1078).



Figura 1

No programa, a enunciação de privacidade é revelada pela informação de que a entrevista foi feita na casa do próprio ator, pela construção de uma iluminação meia-luz e até mesmo pela postura de Patrícia Poeta que demonstra intimidade com Gianecchini



a partir de algumas declarações feitas antes de fazer as perguntas, tais como: “Sabe o que chamou muito minha atenção, todas às vezes que nos falamos por telefone, você sempre tinha uma mensagem positiva, e você sempre falava com uma voz de uma pessoa muito feliz”. (Figura 1)

Desse modo, a autenticidade da enunciação não se dá apenas pela mobilização dos modos de dizer (palavras, tipos de frase, argumentos etc.) mas também dos modos de mostrar-se (gestos, mímica, direção do olhar, postura, roupas e adornos (PINTO, 2009, p.43). Pode-se compreender que a prática midiática do *ethos terapêutico* de uma celebridade, atravessada pelo caráter de intimidade, se dá por um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra pelas marcas enunciativas de modalização da experiência – em gestos, atitudes, falas, vestimentas –, em tudo aquilo que permite estabelecer maior contato e interação dos co-enunciadores (Gianecchini e Patrícia Poeta) como uma estratégia de conquista de intimidade e construção de vínculo com o público (como entidade enunciatória).

Para Dominique Maingueneau (2001) a cenografia não é tão somente um cenário onde o discurso aparece no interior de um espaço já construído e independente dele; ela é a enunciação que, ao se desenvolver, constitui progressivamente – e paradoxalmente – o seu próprio dispositivo de fala. A cenografia é “ao mesmo tempo fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém” (MAINGUENEAU, 2001, p.87-88).

#### **4 Testemunho na contemporaneidade: o eu interior voltado para fora**

A partir do pensamento foucaultiano, Paulo Vaz argumenta que o homem da idade clássica tinha a tarefa de ordenar o mundo sem questioná-lo a partir de uma reprodução da representação e ordenamento geral já dado. Mas que na modernidade o homem, em sua interioridade, encontrará a verdade em seu ser “para que seja fundado todo e qualquer conhecimento humano, obrigando cada indivíduo a interiorizá-la e que funda esta verdade em uma história que narra as vicissitudes da descoberta” (VAZ, 1997, p.42).

Foucault (1977) argumenta que a vontade de colocar o “sexo em discurso” desde a idade média não representava a repressão do desejo, mas quanto mais se falava sobre a



sexualidade mais se exercia o prazer e o poder inscritos em nosso corpo, que no século XIX, produziu a ciência do sexo, com suas classificações patológicas e tecnologias como a confissão, dispersas na prática do poder da igreja, do judiciário e nas formas de constituição de nossa existência. De acordo com o autor, a confissão passou a ser uma das técnicas mais valorizadas para produzir a verdade.

Radstone traz uma explanação do que seria a confissão e o testemunho desde as teorias literárias até o pensamento foucaultiano. A partir do entendimento pelas teorias da literatura de que a confissão está comprometida com o Eu, que é examinado, sendo sujeito e objeto do relato; e o testemunho, por outro lado, trata de um relato sobre um evento externo, presenciado pelo sujeito, a autora conclui que há tensões nas teorias sobre o testemunho na contemporaneidade em relação a subjetividade e intersubjetividade, propondo que na contemporaneidade ocorre um movimento da narrativa e do sujeito confessional para um texto e sujeito externo e testemunhal. Sendo assim, o testemunho representa “a *virada de fora* do eu confessional, de modo que o problema que residia no interior e até mesmo constituía o sujeito, agora é considerado como estando fora de si mesmo” (RADSTONE, 2006, p. 176).

Para Sarlo (2007), a tendência em reconstituir a textura da vida e da verdade a partir da rememoração da experiência “não se trata simplesmente de uma questão da forma do discurso, mas de sua produção e das condições culturais e políticas que o tornam fidedigno” (SARLO, 2007, p.21). Nesse sentido, as condições culturais, políticas e históricas são condições possíveis que autenticam o testemunho como um dispositivo no qual o homem volta-se na sua interioridade para se descobrir e retorna novamente para fora com a descoberta da verdade do mundo.

A narrativa terapêutica que Gianecchini expressa em primeira pessoa, é uma descoberta de si, mas o *ethos terapêutico* é tanto empírico quanto ético, pois tal enunciação tem reconhecimento e identificação do outro. Ao testemunhar sobre o que acontece quando os outros pacientes internados têm um resultado positivo no tratamento, o ator denota a ideia da *produção do comum* da linguagem terapêutica:

*Gianecchini:* Nessa minha jornada no hospital, foi particularmente muito interessante porque eu convivi com muita gente. Eu fiquei numa área de transplantados. Tinha muita gente com leucemia e linfomas também.

*Patrícia Poeta:* Um ajudando o outro, dando força para o outro...

*Gianecchini:* Cada vez que tem uma superação, é uma festa. Num dos quartos, aí todo mundo se junta. Toda vez que a medula dá certo. Pega e canta assim um parabéns com bolo e tudo. A pessoa está renascendo ali. E todo mundo aparece e faz parte daquela festa.

Trata-se de uma produção do comum, inicialmente, pela identificação e empatia. Esse processo está relacionado à prática de relação, vínculo e reciprocidade (SODRÉ, 2014). Nesse sentido, como relata o ator, pelo sofrimento se estabeleceu uma relação de aproximação e cooperação afetiva, com dinâmicas comunitárias. Essa situação comum no hospital tornava ainda mais o ator um indivíduo comum. Então, assim, o relato dessa experiência o fazia ser considerado mais humano, próximo, crível.

## **5 Novas configurações de saúde e masculinidade**

O ethos terapêutico e sua linguagem de superação dos próprios limites, que agora perpassa o modo de existência e de subjetivação dos indivíduos da contemporaneidade, incidem fortemente nas concepções do processo saúde-doença no século XXI. A preocupação das organizações nacionais e internacionais de saúde sobre as doenças degenerativas, como o câncer, contribui com esse novo paradigma para lidar com a saúde e o bem-estar, pois a prevenção a esses tipos de doenças está relacionada a estilos de vida e, portanto, ao gerenciamento do corpo por meio de uma boa alimentação, a prática de exercícios regularmente e o controle de vícios de todas as ordens, principalmente do fumo. A partir disso, surge na intervenção biomédica uma nova condição medicalizável e um paciente *sob o risco* (CASTIEL, GUILAM e FERREIRA, 2010). Na concepção de saúde contemporânea há uma consideração predominante dos estudos da epidemiologia dos fatores de risco, pois eles passam a determinar os estilos de vida considerados saudáveis e prejudiciais à saúde. Nesse sentido, “promover a saúde se vincula estreitamente à informação sobre a associação entre fatores de risco e doenças, valendo-se de um discurso cuja lógica é predominantemente científica” (CZERESNIA; MACIEL; OVIEDO, 2013, p. 86). Desse modo, é preciso entender que “risco não é apenas oposto ao acaso, por implicar um cálculo probabilístico do futuro; é também oposto ao fatalismo: o evento previsível pode ser evitado pelas ações humanas” (VAZ; CARDOSO, 2014, p.172). Essa compressão dos autores em relação ao conceito de risco demonstra o quanto a sociedade contemporânea conta com tecnologias de poder que conferem mais responsabilidade ao indivíduo em relação ao seu estilo de vida, à sua própria saúde e, conseqüentemente, às doenças que apresenta ao longo da vida, num nexos causal entre comportamento de risco e adoecimento. Desta maneira, os modos de existência se deslocam do sujeito doente e saudável, pois a necessidade de se prevenir antecipadamente, a partir da enorme

capilaridade dessa noção de risco no tecido social contemporâneo por meio do gerenciamento do próprio corpo e da saúde, transforma os indivíduos em *doentes em potencial*: “[d]iferentemente da prática moderna na qual a patologia só era detectada quando o sintoma se manifestava, nas sociedades em que está presente a lógica do risco busca-se descobrir a doença de forma cada vez mais antecipada” (LERNER, 2014, p.155).

No momento em que o ator explica como foi a descoberta da doença, pode-se notar presente a concepção de saúde-doença na contemporaneidade. Mesmo que o ator relate não acreditar que estava com câncer, supostamente por adotar um estilo de vida saudável recomendado como forma de prevenção dessa e de outras doenças degenerativas, a sua narrativa da descoberta do câncer expressa a ideia de que somos *doentes em potencial* e que, portanto, é preciso um exame detalhado sobre nosso corpo para que se possa descobrir a doença na sua forma inicial, ampliando as possibilidades de cura. Gianecchini destaca em sua fala, que iniciou o tratamento após dois meses do diagnóstico, fazendo desse processo como algo raro e perigoso:

*Gianecchini*: Pois é, é muito maluco, porque os sintomas são todos, que poderiam ser doenças banais. Eu comecei com alergia e a garganta começou a ficar com alguns ganglioziinhos. E eu sempre tive muito problema de garganta. Então, você acha que é uma bactéria. Eu fiz todos os exames de bactérias e vírus que poderia ser, e deu tudo negativo. E aí, um dia começou a suspeitar e vamos fazer uma análise do gânglio, enfim. Eu comecei o tratamento quase dois meses depois dessa suspeita de um ter um câncer raro. É um linfoma muito raro. Então, particularmente é mais difícil de diagnosticar.

Ao discutirmos sobre tal configuração do valor de adoecer na cultura contemporânea, entendendo a dinâmica midiática como prática social (COULDRY, 2004), observamos neste trabalho uma manifestação da linguagem terapêutica e as concepções de saúde na contemporaneidade traz novas atribuições ao cuidado do homem. Culturalmente, o gênero masculino é valorizado por sua qualidade de vigor físico, e o cuidado com a saúde tem pouco valor para os que seguem à risca o ideal machista de masculinidade. Isso proporciona diferentes abordagens e estratégias das políticas públicas para que os homens acessem os serviços de saúde. Nesse contexto, “há de certa forma, um controle do corpo masculino. Um controle ao inverso das mulheres, em que não se valoriza a possibilidade de se cuidar e sim a não necessidade do cuidado contínuo” (SCHRAIBER; FIGUEIREDO, p. 34, 2011).



Figura 2

Durante a entrevista é possível destacar alguns elementos da narrativa em que o ator mobiliza o ideal de uma masculinidade hegemônica, como a relação de amor e de carinho entre o ator e o pai, que é mostrado e dito por Gianecchini; como também no momento final em que se emociona ao agradecer pelo apoio de Patrícia Poeta e toda a equipe. Nota-se também que na sustentação da posição de um guerreiro, reforçada pela linguagem terapêutica, em alguns momentos os seus gestuais apresentam uma tensão e incerteza no que é dito como uma pessoa forte. Numa passagem (Figura 2), Patrícia chega a questionar se há momentos de insegurança e tristeza:

*Patrícia Poeta:* Em nenhum momento bateu uma tristeza, uma insegurança, nenhum sentimento assim?

*Gianecchini (tensão ao passar as mãos pelo pescoço):* teve, a gente tem todos os momentinhos né. Tem umas fases que a gente pensa também. Poxa é puxadinho o negócio, é meio barra pesada mesmo. Mas ao mesmo tempo você começa no próximo momento, você começa a ver que está tudo tão bem, sabe. E aí é o momento que você fala assim: ok. E passa.

Conforme Connel e Messeschmidt, o conceito e a ideia de masculinidade hegemônica são dinâmicos e se transformam no decorrer da história pelas novas definições que a sociedade atribui sobre o que é ser masculino. Nesse sentido, os autores, influenciados pelo pensamento gramsciano, entendem que o conceito de masculinidade hegemônica não significa dominação, mas uma ideia construída por noções de consenso. Trata-se de uma “rede de padrões múltiplos, dos quais o hibridismo é a melhor estratégia possível para a hegemonia externa. Um processo constante em que ocorrem negociação, tradução e reconfiguração” (CONNEL; MESSESCHMIDT, 2013, p.261). Em relação às práticas discursivas, os autores acrescentam que a masculinidade também se define de acordo com a posição do homem em determinados contextos:

Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a masculinidade representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas (CONNEL; MESSESCHMIDT, 2013, p.257).

Desta forma, depreendemos que a posição de Gianecchini vai ao encontro do pensamento de Connel e Messeschmidt em relação à masculinidade. Ou seja, diferentes formas de masculinidade se relacionam com a linguagem terapêutica: pela força (característica recorrentemente associada ao masculino e que na cultura terapêutica se exige “força interior”, autoestima, autocontrole, capacidade de autoaprimoramento) e pelas lágrimas (expressão do sofrimento, da humanidade, da falibilidade, mas também do afeto, do vínculo, da relação com a entrevistadora e sobretudo com o público).

## **6 Considerações Finais**

Como vimos, o *ethos terapêutico* da cultura contemporânea coloca a autorrealização e a gestão eficiente de si como condições básicas para a produção de subjetividade, da mesma forma que o reconhecimento do testemunho como a produção de mais verdade também se associa com essa configuração da vida social pelos valores de autoestima e autogestão. Assim, a experiência se torna capaz de descobrir o sentido da vida e do mundo pelo sofrimento vivido, e somente o Eu poderá retomar o controle de si. No entanto, essa experiência não é apenas uma forma de lidar consigo mesmo, mas produz uma ética da existência baseada no compartilhamento midiático da experiência.

No contexto atual, os dispositivos midiáticos se reconfiguram como uma das práticas sociais em que a lógica pós-disciplinar da performance de superação dos sujeitos em sua interioridade se expressam. A construção da subjetividade das celebridades tinha como valor e reconhecimento o endeusamento e perfeição dados pelo público. No entanto, permeado pelas tecnologias da mídia, nas quais o público também pode ser digno de reconhecimento, ocorrendo uma convergência entre público-celebridade, é que os famosos estão cada vez mais humanos e sofredores, sua realidade não é mais perfeita. Assim, *o que quero ser/assim como sou* não tem mais valor diante da ideia *sou como vocês*. É nesse sentido, que a linguagem terapêutica é um *comum* compartilhado entre os sujeitos que ajudam um ao outro para que cada um individualmente retomem a gestão de si, tanto celebridades quanto sujeitos comuns precisam ser guerreiros.

A passagem da política da representação, o outro que me representa, para a política da vítima, eu represento a mim mesmo porque é minha responsabilidade o

controle da minha dor e sofrimento, contribui também para o deslocamento do sentido da doença como anulação do sujeito para um infortúnio da vida a ser superado. Nessa ressignificação da doença, temos a sensação de uma proliferação de narrativas autobiográficas a partir da experiência do processo terapêutico na mídia. Por isso e pela reflexão das reconfigurações da subjetividade de uma celebridade, é que destacamos o autor Reynaldo Gianecchini com uma expressão exemplar destas questões. Ao acompanhar sua atuação na imprensa e analisar as interpelações que ela faz em relação a sua masculinidade, aliado ao campo da saúde - que lida com a dificuldade de acesso dos homens no cuidado devido a concepção idealizada (machista) de masculinidade - é que pretendemos discutir a partir dos seus testemunhos e relatos midiáticos uma mobilização de um conceito fixo de masculinidade hegemônica, que entendemos como dinâmica e adaptável aos contextos discursivos em que os homens se posicionam.

Por uma análise preliminar da biografia construída no ambiente midiático e pela análise neste trabalho da experiência com o câncer enunciada na entrevista dada a Patrícia Poeta no programa Fantástico, temos com hipótese que o ator Reynaldo Gianecchini, ao se construir sujeito nas enunciações midiáticas, pode produzir novos sentidos de saúde e masculinidade. Retomando a declaração de The Rock nas redes sociais, o relato midiático da experiência de Gianecchini com o câncer mobiliza a ideia de que os homens têm o hábito de guardar tudo, sendo a prática midiática uma possibilidade na qual os homens célebres enunciam ao público masculino: *sou como vocês, vocês não estão sozinhos*.

## 7 Referências Bibliográficas

CASTIEL, L.D.; GUILAM, M.C.R.; FERREIRA, M.S. **Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, vol. 21, n. 1, 2013.

COULDRY, N.. Theorising media as practice. **Social Semiotics**, v.14, n.2, 2004.

CZERESNIA, D., MACIEL, E.M.G.S, OVIEDO, R.A.M. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Dits et écrits** - vol. IV, 1980-1988. Paris: Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula Guimarães. Celebidades como ponto de ancoragem na sociedade midiaticizada. In: FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16397/1256>. Acesso em 10 de junho de 2018.

FUREDI, Frank. **Therapy culture**. London: Routledge, 2004.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2011.

LERNER, K. **Doença, mídia e subjetividade: algumas aproximações teóricas**. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX – neurose**. São Paulo: Forense Universitária, 1977.

PINTO, Milton José. Retórica e análise de discursos. In: SACRAMENTO, I.; LOPES, F.L.. **Retórica e mídia: estudos ibero-brasileiros**. Florianópolis: Insular, 2009.

RADSTONE, S. Cultures of confession/cultures of testimony: turning the subject inside out. In: GILL, J. (org). **Modern Confessional Writing**. Londres: Routledge, 2006.

REDMOND, S. Intimate fame everywhere. In: REDMOND, S.; HOLMES, S. (eds.). **Framing celebrity: new directions in celebrity culture**. London: Routledge, 2006.

SACRAMENTO, I. Tornando a dor visível: o ethos terapêutico em narrativas testemunhais de celebridades sobre o câncer. **Ciberlegenda (UFF. Online)**, v.32, 2015.

SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHRAIBER, L.B.; FIGUEIREDO, W.S. Integralidade em saúde e os homens na perspectiva relacional de gênero. In: GOMES, R., org. **Saúde do homem em debate** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

VAZ, P. **O inconsciente artificial**. São Paulo: Unimarco Editora, 1997.

VAZ, P.; CARDOSO, J. Risco, sofrimento e política: a epidemia de dengue no *Jornal Nacional* em 2008. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2014.